Leitura, cultura, infância: Lobato, de Norma Sandra de Almeida Ferreira

Eliana Felipe[1]

Leitura, cultura infância: Lobato é uma coletânea de seis artigos organizada por Norma Sandra de Almeida Ferreira, professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Em seu conjunto, incorpora reflexões sobre a produção, circulação e recepção das obras de Monteiro Lobato no Brasil e em Portugal, além de sua transferência para outros meios, como a televisão.

A vasta produção do escritor é tema do primeiro artigo da coletânea, intitulado "Monteiro Lobato e suas fases", de autoria de Regina Zilberman. A autora faz uma cronologia dessa produção, sem, contudo, imprimir aos acontecimentos uma linearidade cronológica. Assim, movimenta a história para frente e para trás, localizando nas diferentes fases do escritor: da "fase Jeca Tatu" (1914) à "fase Sítio do Picapau Amarelo" (1920-1948), regularidades e descontinuidades nos procedimentos de composição literária, nos temas abordados, nas soluções imaginárias para os problemas do país. De forma criativa, faz uma incursão no texto e no contexto histórico da sua produção, opção que lhe permite identificar os rumos que foram tomando a sua literatura, seus sucessos editoriais, além das reações e repercussões que ensejaram no âmbito educacional e literário.

A relação entre literatura infantil e produção televisiva é examinada por Cristina Bruzzo no artigo "Sítio do Picapau Amarelo: da televisão ao livro?". A adaptação do Sítio do Picapau Amarelo para a televisão e suas condições de produção tem centralidade na tessitura de seu exame. Para a autora, quaisquer que sejam as intenções, os motivos e interesses implicados na transposição de uma obra literária consagrada para outra linguagem, como a audiovisual, todas comportam a instabilidade da tradutibilidade do original para a criação imagética. Irrompendo a ideia de um movimento sem tensão, sublinha que ao invés da subordinação, da literalidade, há na escrita elementos sem equivalentes na televisão e vice-versa. Em sua discussão, apresenta aspectos que são acomodados da obra literária para a versão audiovisual, assim como soluções criativas operadas em razão das possiblidades e limites da imagem, imprimindo um modo de contar particular à produção televisiva infantil por acionar formas de registro e invenção distintas do livro.

A recepção da obra de Lobato por novos leitores, contemporâneos de uma geração nascida no mundo digital e vivendo, portanto, em um tempo distinto daquele que serviu de inspiração para as aventuras do Sítio, compõe o escopo temático da obra em análise por intermédio do artigo intitulado "Os novos leitores de Lobato", de Maria Alice Coelho.

Sublinha, em sua argumentação, que os novos leitores de Lobato imprimem à sua produção escrita traços marcantes do escritor, como o humor e a forma criativa de uso da linguagem. Enredando-se pelos seus procedimentos, atualizam o vocabulário e o campo simbólico da narrativa incorporando traços da vida contemporânea. No exercício de imaginação criam "novas Emílias", protagonistas de causas e desejos constitutivos dos ideais de vida e felicidade do tempo em que vivem. Para a autora, a leitura mediada pelo professor possibilita a construção do pensamento crítico sobre problemas do mundo real trazidos para a ficção por Lobato, alguns ainda bastante atuais e para os quais não se inventou soluções.

1 Professora do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará (Iced-UFPA). *E-mail:* efelipe@ufpa.br

A adaptação da mitologia grega para a literatura é objeto do artigo "Reinações olímpicas: mitologia grega em três obras infantis de Lobato", de Maria das Dores Soares Maziero. As estratégias de transposição dos mitos gregos para obras infantis adotadas pelo escritor é a questão-guia do seu trabalho. Para respondê-la se volta, inicialmente, para a história de leitura de Lobato, na qual busca localizar marcas da sua relação com os clássicos da mitologia. Encontra um leitor encantado pelos tempos heroicos narrados nas epopeias *Ilíada* e *Odisseia*, e um escritor perspicaz que, ao adaptar personagens do mundo mitológico, se distingue pela originalidade de suas estratégias, elemento que, segundo a autora, permite reconhecer nas adaptações de Lobato uma nova obra.

De Lobato pode-se falar de sucessos editoriais que atravessaram gerações, mas também de prováveis intenções e interrupções. É esta dimensão inconclusa da obra do escritor que André Aparecido Garcia explora em seu artigo: "A história que Dona Benta não contou", que o faz mergulhando em fonte rara, de acesso cuidadoso – quase ritualístico, para compreender lacunas deixadas, promessas anunciadas e, assim, ampliar o escopo de pesquisa em torno da sua obra.

Entre a documentação doada ao Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (Cedae-Unicamp) pela família de Lobato em maio de 2011, o autor escolhe consultar e explorar a obra *Orlando Furioso* de Ludovico Ariosto, inspirado no anúncio do escritor, em Dom Quixote, de que se haveria de procurar outros cavaleiros andantes, a exemplo de Orlando. Da leitura criteriosa deste volume, do confronto de marcas de intervenção (marcações, correções, substituições, acréscimos) deixadas por Lobato em Orlando, o autor formula a ideia de uma provável intenção do escritor de adaptar a obra para crianças. Em que pese o trabalho laborioso de Lobato, o projeto anunciado em 1936, em *Dom Quixote*, não se concretizou, e transitando entre a provável intenção e o fato, na ausência de vestígios capazes de direcionar para conclusões mais assertivas, o autor reconhece o espaço lacunar que explora, e o tom que lhe pode imprimir: o quê, por quê, talvez, será...

No último artigo da coletânea, intitulado "Monteiro Lobato em terras portuguesas", Norma Sandra de Almeida Ferreira busca resposta para a seguinte pergunta: "Lobato teria sido lido em outros países de língua portuguesa?". Para respondê-la lança mão de dados de uma extensa pesquisa de campo realizada durante seu pós-doutoramento na cidade de Faro, com o objetivo de investigar a circulação e recepção, em Portugal, de livros de literatura para a infância escritos por autores brasileiros. Cotejando inúmeras informações, conclui que o projeto inovador de Lobato sofreu interdição em Portugal, comprometendo sua circulação e recepção entre as crianças deste país.

Que razões teriam motivado tal interdição? É na análise da recensão crítica da Comissão de Aquisição da Biblioteca Gulbenkian (1967 a 1985), a quem cabia a decisão de recomendar ou não a aquisição de livros de literatura infantil, que a autora encontra indícios para um importante achado: a interdição não resultou da qualidade literária da obra de Lobato, permanentemente exaltada pelos pareceristas, mas do temor de alguns recenseadores de que a modalidade da língua usada no Brasil expusesse as crianças a formas ortográficas e sintaxe não aceitáveis pelas normas portuguesas vigentes, acarretando confusões na aprendizagem da leitura e da escrita. A autora perscruta, com refinamento analítico, a recusa e "os limites impostos a Lobato em Portugal".

Na diversidade de autores dessa obra, de objetos inquiridos, de achados validados, há um sentido comum que os aproxima: valendo-se de provas perscrutáveis, movimentam-se pelos caminhos da "imaginação explicativa", a qual, similar ao trabalho literário, retira do mundo real seu conteúdo, transformando-o. Sem essa capacidade de invenção, as fontes em que se apoiam seriam coisas sem palavra. É por dar-lhes um significado que elas existem.

O espaço material e simbólico que seus autores exploram atrai o leitor para o mundo de Lobato, compondo um contar harmonioso na aparente dispersão das muitas faces pelas quais sua obra pode ser (re)lida e (re)conhecida. Ao narrar esse espaço, apresentam o universo de um escritor/editor que se renovou ao longo do tempo, e reinventou a literatura para crianças ao transgredir conceitos e valores de sua época, ineditismo que encontrou eco entre outros meios de produção cultural, como a televisão, pela qual os seus textos, acomodados aos recursos do meio televisivo, entraram na vida de gerações de expectadores de programas infantis a partir de 1952, anos depois da sua morte.

Esse livro se destaca pelas novas sínteses e pelos lugares pouco escavados: projetos não concluídos por Monteiro Lobato, sua interdição fora do Brasil, sua própria história de leitura e o encantamento pelos clássicos da literatura universal, que inspirou adaptações criativas para o universo infantil. E como "as palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente de um rio, estão ali é para que possamos chegar à outra margem, a outra margem é que importa" (SARAMAGO, 2000, p. 77), o livro é um convite à travessia, à invenção de outras leituras da obra de Lobato.

Referências bibliográficas

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida (Org.) *Leitura, cultura, infância*: Lobato. São Paulo: Global, 2011. 94 p.

SARAMAGO, José. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 350 p.

Recebido em 7 de junho de 2011 e aceito em 1 de dezembro de 2011.